



1688 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 05 - Educação e Infância

#### A DOCÊNCIA COM BEBÊS: AÇÕES E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO PEDAGÓGICO

Caroline Machado Cortelini Conceição - UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

O texto tem como foco a docência com bebês e crianças bem pequenas. Tece reflexões sobre as especificidades do trabalho pedagógico e as ações e interações das crianças na creche. Num processo conjunto de extensão e pesquisa o grupo de professoras participantes foi convidado a registrar sua trajetória formativa, experiências profissionais, ação pedagógica e observações sobre as crianças produzindo memoriais de formação. Esta escrita contempla a análise dos registros de observação que compõe o memorial de formação produzido por uma das professoras participantes. A partir do exercício de olhar a fundo o cotidiano, o registro possibilita o conhecimento sobre as crianças, sobre a prática pedagógica e o estabelecimento de um processo de formação e autoformação permanente. Os saberes e práticas profissionais das professoras de bebês constituem um campo fértil de investigação tendo em vista que se trata de uma categoria profissional ainda em constituição. As conclusões apontam que pensar sobre as ricas possibilidades do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas passa pelo reconhecimento das singularidades de seus modos de comunicação em que o corpo se coloca como componente essencial da sua ação social.

#### A DOCÊNCIA COM BEBÊS: AÇÕES E INTERAÇÕES DAS CRIANÇAS NO COTIDIANO PEDAGÓGICO

Resumo: O texto tem como foco a docência com bebês e crianças bem pequenas. Tece reflexões sobre as especificidades do trabalho pedagógico e as ações e interações das crianças na creche. Num processo conjunto de extensão e pesquisa o grupo de professoras participantes foi convidado a registrar sua trajetória formativa, experiências profissionais, ação pedagógica e observações sobre as crianças produzindo memoriais de formação. Esta escrita contempla a análise dos registros de observação que compõe o memorial de formação produzido por uma das professoras participantes. A partir do exercício de olhar a fundo o cotidiano, o registro possibilita o conhecimento sobre as crianças, sobre a prática pedagógica e o estabelecimento de um processo de formação e autoformação permanente. Os saberes e práticas profissionais das professoras de bebês constituem um campo fértil de investigação tendo em vista que se trata de uma categoria profissional ainda em constituição. As conclusões apontam que pensar sobre as ricas possibilidades do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas passa pelo reconhecimento das singularidades de seus modos de comunicação em que o corpo se coloca como componente essencial da sua ação social.

Palavras-chave: Educação Infantil. Docência. Bebês.

#### 1 APRESENTAÇÃO: POR QUE INVESTIGAR A DOCÊNCIA COM BEBÊS?

O presente trabalho coloca em foco a docência com bebês. Esta escrita é resultante de um processo analítico efetuado no contexto de projetos de pesquisa e extensão, desenvolvidos em conjunto, tendo em vista refletir sobre as especificidades da docência na educação infantil. O propósito é refletir sobre as especificidades do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas e suas ações e interações na creche. Nesta escrita, problematizamos a constituição da identidade profissional e as especificidades da docência na educação infantil, especialmente com bebês e crianças bem pequenas e realizamos uma reflexão sobre as ações e interações das crianças no espaço-tempo pedagógico, focalizando o potencial de perceber seus múltiplos modos de expressão e comunicação.

Compreendemos que pensar a profissão docente na educação infantil apresenta-se, como um importante desafio. Essa docência possui condições específicas, envolve saberes e práticas particularizadas para esse nível escolar e trajetórias formativas diferentes das dos professores das outras etapas da educação (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2002). Tendo em vista contribuir para a compreensão da profissionalidade docente na educação infantil realizamos a opção metodológica pela produção e análise de memoriais sobre a trajetória pessoal e profissional. A análise de narrativas, ou relatos de memórias, tem se tornado valioso instrumento de investigação para a compreensão do processo de construção da identidade profissional docente e os processos de formação docente (LOPES, 2001; NÓVOA, 1992; SOUZA, 2003). O relato das histórias vivenciadas é uma forma de trazer à tona como fomos construídos ou como estamos continuamente nos reconstruindo no próprio ato de relatar histórias para diferentes interlocutores em outros momentos e espaços (LOPES, 2001). Assim sendo, a análise de relatos autobiográficos dá acesso aos processos de construção das identidades sociais dos sujeitos. O uso do memorial como recurso metodológico proporciona aos sujeitos a oportunidade de rever posições, avaliar a própria narrativa, elaborar conhecimento, bem como, criar significações pessoais e sociais que contribuem para a construção da identidade profissional. E também como recurso de pesquisa, permite conhecer trajetórias formativas e práticas pedagógicas.

Nessa perspectiva, o memorial – como procedimento metodológico – possibilita ao professor registrar o resultado de sua própria narrativa, a qual é constituída a partir dos fatos mais significativos pinçados de sua trajetória pessoal e profissional. À medida que escreve seu memorial, o professor relata sua própria história, possibilitando ao leitor o conhecimento de uma prática pedagógica situada em um tempo e um espaço específicos (SOUZA, 2003, p.19-20).

Acerca disso Martins Filho e Martins (2016) assinalam que as professoras de bebês são aquelas cujas vozes têm sido menos escutadas, pelo fato da sociedade lhes reconhecer menos poder. Portanto, “é legítimo afirmar a necessidade de que as peculiaridades e singularidades da docência em creches sejam conhecidas com base nas narrativas discursivas das professoras para que essas possam se ver como sujeitos constituidores de suas próprias práticas” (MARTINS FILHO; MARTINS, 2016, p. 23). Nesse sentido, “para compreender a educação e os processos educacionais na sua complexidade é preciso conhecer também as histórias daqueles que a fazem no cotidiano” (KRAMER, 2005, p. 26).

No processo de extensão e pesquisa que empreendemos convidamos as professoras participantes a registrar sua trajetória formativa, suas experiências profissionais, sua ação pedagógica, suas observações sobre as crianças, apostando no potencial formativo e autoformativo da escrita do memorial. Partimos do entendimento que a prática do registro permite rever o cotidiano educativo e o trabalho desenvolvido junto ao grupo de crianças (OSTETTO, 2009a). O ato de registrar necessita estar permeado pelo exercício de “desabituar-se”, para melhor perceber as crianças e as relações. Ostetto (2009a, p. 23) assinala que: “É com o registro dos fatos, dos atos, dos acontecimentos do dia-a-dia que aprendemos a ver o grupo em geral e cada criança em particular, compreendendo, assim, que lá estão meninos e meninas em busca de tempo para viverem a infância”.

Como propõe Coutinho (2014) é preciso que as práticas pedagógicas assumam efetivamente a criança como ator social competente, como sujeito de direitos e a infância como construção social, realizando a necessária aproximação às “crianças reais”. No entanto, como salienta Ostetto (2009b, p.129), “olhar a criança real e concreta à sua frente, muitas vezes [...] é difícil para o professor tantas vezes acostumado a ver as imagens idealizadas e universais das crianças que aparecem nos manuais de psicologia e pedagogia”. Diante disso, emerge um aspecto essencial para a formação de professores: aprender a olhar para a própria prática, ampliar o foco da visão. Afinal, uma reconceitualização da criança e da instituição de educação infantil está associada à uma reconceitualização dos profissionais para a primeira infância de modo que seja parte inerente do trabalho pedagógico a análise crítica constante da prática (MOSS, 2002). Nesse sentido, Moss (2002, p.246) pontua que:

Temos que pensar de modo diferente, construindo o trabalhador para a primeira infância como um profissional que reflete sobre sua prática, um pesquisador, um co-construtor do conhecimento, tanto do conhecimento das crianças como dele próprio, sustentando as relações e a cultura da criança, criando ambientes e situações desafiadoras, questionando constantemente suas próprias imagens de criança e seu entendimento de aprendizagem infantil e outras atividades, apoiando a aprendizagem de cada criança mas também aprendendo com ela.

É nessa perspectiva que esta escrita coloca em discussão as especificidades da presença das crianças pequenas nas instituições de educação infantil propondo refletir sobre como se efetuem as ações e as interações que as crianças estabelecem entre si e com os adultos nestes espaços e especialmente a percepção das professoras acerca disso. Para tanto, apresentamos como material de análise os registros de observação que compõe o memorial de formação produzido por uma das professoras participantes do projeto, de uma turma de Maternal I, de crianças de 1 a 2 anos de idade.

## **2 OS NÓS DAS RELAÇÕES ENTRE BEBÊS E DOCÊNCIA**

Os saberes e práticas profissionais das professoras de educação infantil constituem um campo fértil de investigação tendo em vista que se trata de uma categoria profissional ainda em constituição. A docência e a prática pedagógica na educação infantil são campos ainda distantes de se encontrar consolidados, tendo em vista recentes mudanças legais que sinalizam a transição de uma concepção assistencialista de atendimento à criança pequena para uma que acentua a indissociabilidade entre cuidado e educação, constituindo assim um novo campo profissional, o de professor de educação infantil (OLIVEIRA et al, 2006).

Oliveira-Formosinho (2002) defende que existem papéis peculiares desempenhados pela educadora infantil na sua profissão que configuram uma profissionalidade específica do trabalho docente com crianças pequenas. Nesse sentido, a professora de educação infantil desempenha uma grande diversidade de funções e tem um papel abrangente com fronteiras pouco definidas. Ambrosetti e Almeida (2007) afirmam que nos defrontamos com a construção de um “novo grupo profissional”, que sugere a constituição de novos significados pelos diferentes grupos sociais envolvidos na educação da criança. A profissão docente na educação Infantil se constitui nas relações com os saberes comuns à docência e também na demarcação das especificidades da educação da criança pequena.

Entendemos que para compreender a docência na educação infantil e refletirmos sobre as especificidades do trabalho do professor de crianças pequenas é imprescindível analisarmos a formação, seja ela, inicial ou continuada. A respeito da sua formação profissional a professora assinala que: “A graduação e a pós-graduação possibilitou-me a refletir sobre diversas questões que envolvem o contexto educacional, contudo, ainda acredito que faltou elementos mais específicos no que se refere ao meu nível de atuação, mas que ainda pretendo continuar estudando” (Memorial da professora Marcia).

Existe como podemos perceber, nestes apontamentos a reflexão sobre as limitações da formação inicial, no que se refere à preparação para atuar com crianças pequenas. No que concerne ao curso de Pedagogia, Kishimoto (2002) assinala que um mesmo plano curricular visa formar profissionais de vários níveis de atuação – educação infantil, anos iniciais, gestão, dentre outras especificidades do curso. Com isso, o curso forma profissionais com conhecimentos superficiais e genéricos sobre as diferentes áreas de atuação. A autora ainda acentua que “o curso dilui-se na fragmentação disciplinar e perde solidez. Há de tudo um pouco. É preciso considerar o saber educativo como área de saber específico, não genérico” (KISHIMOTO, 2002, p. 110). Em um curso voltado para uma formação genérica o conteúdo específico para a educação infantil acaba sendo insuficiente e os conteúdos específicos da área acabam sendo trabalhados de maneira esparsa em disciplinas ou componentes curriculares de disciplinas, o que não dá conta de oferecer uma base sólida de formação para aqueles que irão atuar na educação infantil.

Especialmente no que concerne à docência com bebês essa carência na base formativa é ainda mais evidenciada. Mello (2012, p. 30) acentua que “ser professora de bebês é uma nova profissão na área da pedagogia”, pois o caráter educacional dos processos de cuidado e educação coletivos de crianças pequenas foi apenas recentemente reconhecido. O subgrupo etário bebês tem sido o menos visibilizado quando nos referimos à infância, embora atualmente existam pesquisas que colocam esses sujeitos como foco. Os bebês são os que menores possibilidades de deixar marcas de sua presença possuem, os menos ouvidos pelos adultos, aqueles que são menos percebidos em seus contextos de pertença (GOTTLIEB, 2009; COUTINHO, 2010). Plaisance (2004) destaca que o movimento de valorização da criança, efetuado nas últimas décadas, tem operado a promoção da criança pequena como sujeito, em que o bebê passa a ser considerado como “pessoa”.

Os bebês e as crianças pequenas e a sua educação colocam-se como foco de interesse, a partir da definição da infância como sujeito social de direitos, que emerge balizada por instrumentos legais, sinalizando uma mudança na sociedade em que, nos atuais processos de institucionalização da infância, a educação deixa de ser apenas um direito da mãe trabalhadora, para constituir-se em direito subjetivo da criança. Essa mudança de foco tem colocado em questão, nos últimos anos, sua educação em instituições educativas. Nesse panorama, pesquisadores têm se empenhado na realização de estudos interdisciplinares, com o fim de apreender a infância, a partir de múltiplas perspectivas, contribuindo para retirá-la de sua histórica obscuridade (SARMENTO, 2007b).

Nesse movimento investigativo que coloca as crianças e suas práticas sociais como objeto, bebês e crianças pequenas passam a ter maior relevância nas pesquisas, a partir de múltiplos olhares, contribuindo para configurar um campo de investigação específico sobre o trabalho pedagógico com crianças pequenas que consolida uma pedagogia da educação infantil (ROCHA, 1999; STRENZEL, 2000). Esta centra sua atenção na criança, especialmente na educação das crianças pequenas, seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais e os processos de cuidado e educação desenvolvidos nas instituições de educação infantil (ROCHA, 1999; BARBOSA, 2006).

Entendemos que é necessário visibilizar o cotidiano do trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas, possibilitando a reflexão sobre os limites e possibilidades das instituições de educação infantil como espaços de vivência. Nesse sentido, consideramos a instituição de educação infantil “como campo de produção de conhecimentos sobre a infância” e não simplesmente como campo de aplicações (PRADO, 2002, p.99).

### 3 AÇÕES E INTERAÇÕES NO COTIDIANO DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Ainda está presente o entendimento de que deve-se ter poucas expectativas em relação aos bebês, ouvimos de professoras que “não há muito o que se fazer com eles”. Como destaca Coutinho (2011) tem sido recorrente a tendência de restringir as competências dos bebês apenas a dimensões biológicas. Essa ênfase em ações voltadas para o atendimento das necessidades básicas das crianças aponta para uma perspectiva adultocêntrica, onde “não há lugar para o reconhecimento dos bebês e das crianças pequenas como seres linguageiros, ativos e interativos”, como acentuam Richter e Barbosa (2010, p. 89). Nessa perspectiva, os bebês são um “não-sujeito” que ocupam um “espaço negativo” na sociedade, esse olhar tem colocado empecilhos para que estes sujeitos pequenos sejam percebidos como sujeitos legítimos, produtores ativos de cultura (GOTTLIEB, 2009). Geralmente são percebidos como um “pacote biológico”, pois “passam a maior parte do tempo mais envolvidos em processos corporais do que em atividades intelectuais” (GOTTLIEB, 2009, p. 323).

Tristão (2005, p. 42) afirma que “é um desafio pensar em alteridade quando este outro é um bebê”, efetivamente é “mais fácil pensar que as crianças são atores sociais, potentes, criativos, quando falamos de crianças maiores”. Contudo é fundamental refletirmos que

Os bebês sabem muitas coisas que nós culturalmente não conseguimos ainda ver e compreender e, portanto, reconhecer como um saber. As suas formas de interpretar, significar e comunicar emergem do corpo e acontecem através dos gestos, dos olhares, dos sorrisos, dos choros, enquanto movimentos expressivos e comunicativos anteriores à linguagem verbal e que constituem, simultâneos à criação do campo da confiança, os primeiros canais de interação com o mundo e os outros, permanecendo em nós – em nosso corpo – e no modo como estabelecemos nossas relações sociais (RICHTER; BARBOSA, 2010, p. 87).

Ainda é um desafio entender os modos dos bebês relacionarem-se com o mundo, entender como seu corpo é “estruturado (pelas) e estruturador (das) ações” (COUTINHO, 2011 p. 113). Nesse sentido, trazemos para esta reflexão alguns registros sobre os bebês, que sinalizam a necessidade de que aqueles que trabalham com crianças pequenas precisam aguçar o olhar para perceber seus modos de ação e interação no espaço pedagógico e as múltiplas possibilidades de diálogos, interações, experiências com bebês e crianças bem pequenas. A narrativa a seguir nos provoca a ter essa sensibilidade de perceber suas formas de comunicação:

Sexta-feira, vinte e cinco de agosto, no final do dia estávamos sentados na sala manuseando livros de tecido, Heitor vai até a professora que está grávida e diz “nenê”, e começa tentar abrir os botões de seu jaleco, a professora pergunta “você quer fazer carrinho no nenê da professora Heitor?” E a professora abre o jaleco, Heitor acaricia a barriga da professora e outros colegas juntam-se, Heitor beija a barriga da professora e começa tentar fechar o jaleco, vai se afastando e despedindo-se dizendo “tchau nenê” (Memorial da professora Márcia).

Essa e as narrativas que seguem denotam alguns elementos interessantes que podem ser percebidos no trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas. Os bebês são sujeitos aprendentes, observam, percebem o mundo, estabelecem relações, exploram o mundo a sua volta, constroem estratégias de resolução de problemas e também, são sujeitos interativos que dialogam, trocam experiências, estabelecem vínculos e relações de afetividade. O registro a seguir mostra uma situação bastante interessante de interações entre duas crianças expressando a troca de conhecimentos entre elas:

Nos dias entre oito de junho a dezenove de junho realizamos atividades pedagógicas com as crianças a partir do tema “Dia e noite” na turma do maternal I. No planejamento organizamos atividades cujos recursos os alunos pudessem participar ativamente das experiências relacionadas a temática proposta, entre as atividades destacaram-se: contação de histórias, com o uso de palitoches, bem como dramatização da estória por meio da utilização de máscaras dos personagens pelas crianças. Também foram expostos cartazes – nessa faixa-etária as atividades devem ser curtas e bastante lúdicas para despertar a curiosidade e a imaginação das crianças.

Num momento de brincadeira mediado pelas professoras chamou-nos atenção as atitudes e as falas de algumas crianças. Alice (um ano e oito meses) observava que o sol acaba de aparecer no céu, caminha até Manuela (um ano e dois meses), que apenas engatinha, abaixa-se para ficar na mesma altura que a colega, assim como fazem as professoras, e aponta para fora, tentando balbuciar, a professora atenta ao fato, pergunta: você quer contar a Manuela que o sol apareceu Alice? É o sol? Alice balança a cabeça positivamente e também aponta para o cartaz ilustrativo sobre dia e noite que havia na parede, em que aparecia a imagem do sol, a professora elogia dizendo muito bem Alice, parabéns! (Memorial da professora Márcia).

As duas narrativas que destacamos assinalam um elemento importante nas interações entre adultos e crianças no espaço-tempo pedagógico: o acolhimento. A professora percebe através de sua escuta atenta e acolhe as crianças ampliando as possibilidades de relação e interação.

Os bebês, com poucas palavras e especialmente através de seus corpos e suas ações conseguem reproduzir através do brincar elementos de sua vida diária, demonstrando que estão inseridos no mundo da cultura, mas não apenas reproduzem o que lhes foi ensinado, como também acrescentam elementos próprios, singulares, como por exemplo utilizar um copo como suporte para deixar uma boneca na posição vertical como expõe o registro a seguir:

Em outro momento de brincadeira de livre, realizado no dia dez de junho, Maitê junta alguns objetos e brinquedos e os leva para baixo da mesa para poder brincar, primeiramente com a boneca sobre o colo diz “água” e tenta colocar o copo em sua boca, como se estivesse tentando saciar a sede de seu bebê, posteriormente observa que se utilizar um copo grande consegue que a boneca fique de pé sem a sua ajuda. Então, com copinhos e colheres brinca de alimentar seu bebê dizendo “papa”. Aos poucos Gabriel aproxima-se de Maitê para participar da brincadeira (Memorial da professora Márcia).

Assim, concordamos com Martins Filho (2005) quando se refere à criança produtora de cultura.

A criança não só aprende e consome a cultura do seu tempo, como também produz cultura, seja a cultura infantil de sua classe, seja reconstruindo a cultura a qual tem acesso. O fato da criança não falar ou não escrever ou não saber fazer as coisas que os adultos fazem transformam-na em produtora de uma cultura infantil, justamente através dessas especificidades. A ausência, a incoerência e a precariedade características da infância, em vez de serem falta, incompletude, são exatamente a infância (MARTINS FILHO, 2005, p.16).

Nessa perspectiva, as crianças são agentes ativos que constroem suas próprias culturas e contribuem para a produção do mundo adulto (SARMENTO, 2005, 2007a; DELGADO; MÜLLER, 2005; CORSARO, 2011). As crianças estão ativamente produzindo aspectos inovadores com sua participação na sociedade, assim como contribuindo para a preservação social. Nessa perspectiva, elas recebem “através das múltiplas instâncias de socialização as culturas socialmente construídas e disseminadas, que interpretam de acordo com os seus códigos interpretativos próprios” (CORSARO, apud SARMENTO, 2007a, p. 23). Desse modo, a participação das crianças no âmbito social configura-se através do processo de “reprodução interpretativa” em que as crianças colocam-se como sujeitos ativos na produção cultural. Corsaro (2011) explica que a expressão reprodução significa que as crianças estão ativamente contribuindo para produção e a mudança cultural, não apenas internalizando a sociedade e a cultura; e, a expressão interpretativa expressa o caráter inovador e criativo da participação das crianças na sociedade.

Conforme Sarmiento (2007a) as culturas da infância são as ações sociais das crianças, são as ações dotadas de sentido, os processos de representação e os artefatos produzidos pelas crianças. Ou ainda, como propõe Martins Filho (2005) são maneiras específicas de ser das crianças. Elas criam atividades baseadas no ato de brincar, na imaginação e na interpretação da realidade de uma forma própria dos grupos infantis. Desse modo, as culturas infantis são produzidas na interação com adultos e crianças, a partir das culturas em que estão inseridas, ou seja, possuem uma dimensão relacional. As crianças aprendem e ensinam sobre a vida em sociedade, manifestam interesse pelas ações daqueles que estão a sua volta como podemos observar no registro seguinte:

No mês de agosto, no dia vinte e cinco, durante o almoço, Pedro Henrique percebe que Davi está comendo sem utilizar a colher, apenas leva o alimento até a boca utilizando as mãos, e Pedro chama a atenção de Davi dizendo “Davi, Davi usa a colher Davi”, Davi continua a comer com a mão e Pedro mostra a colher pra Davi que está ao seu lado e ignora a sugestão do amigo, Pedro Henrique em uma última tentativa pega o alimento de seu prato e leva até a boca de Davi, que recusa, a professora interfere dizendo “escuta o amiguinho Davi é para usar a colher” e Davi começa a pegar a colher (Memorial da professora Márcia).

A criança através das suas cem linguagens, conforme provoca Malaguzzi (1999), atua no mundo a sua volta. Desse modo, as crianças em qualquer idade, com suas especificidades, são produtoras de cultura, uma cultura própria, que também é única e fruto das relações sociais e das mediações a que tem acesso, por isso, enquanto ambiente educativo, na educação infantil temos como prioridade considerar essa produção infantil, e não conceber o conhecimento como algo pronto e acabado, mas que muitos saberes são construídos nas relações culturais.

Um outro registro sinaliza outra dimensão ainda pouco explorada das interações entre as crianças que diz respeito às relações afetivas, aos vínculos que os pequenos estabelecem entre si, os modos como cuidam uns dos outros e sinalizam através do contato corporal, dos gestos, enfim de maneiras plurais.

No início do mês de agosto (dia 03), organizamos a sala para a hora do descanso soninho, já estávamos todos deitados quando Heitor levanta-se vai até o colchão de Manu (a criança mais nova da turma, ainda não caminha) e senta ao seu lado, começa a dar pequenos toques, fazendo nananana Manu, passando a mão em seu cabelo. Manu sente-se incomodada e resmunga, a professora chama “Heitor volta para o seu colchonete, já está na hora de você dormir” Heitor, insiste dizendo “Manu duni” e a professora fala “deixa que a professora faz a Manu dormir e você também”, então a professora coloca o colchonete de Heitor ao lado de Manu, para que eles possam dormir próximos e fica entre eles acalentando até que adormeçam (Memorial da professora Márcia).

Novamente no registro apresentado fica explícito a disponibilidade da professora ao acolher as necessidades das crianças, colocando Heitor e Manu próximos um do outro, incentivando Heitor a demonstrar afetividade, a dispor-se a cuidar da colega. A professora reflete sobre esse relato, acentuando que

Nesse episódio percebemos como as crianças demonstram afetividade de várias formas. Manu é a bebê mais nova da turma, também há um cuidado e proteção especial com ela, pelo fato de não caminhar e ainda ser mais dependente que os outros. As professoras repetem várias vezes ao dia que as crianças não devem brigar com Manu, devem cuidar para não pisar nela. Então percebemos que esse sentimento de proteção acabou passando para as crianças, a maioria delas a pega pela mão, beija, abraça, quer dar água, e mesmo fazer dormir como é o caso do Heitor (Memorial da professora Márcia).

Nörnberg (2013), sustenta a ideia de que é o contato que dá consistência à pedagogia, ela propõe uma pedagogia do contato na educação infantil, que “significa compreender a pluralidade de movimentos humanos realizados para suprir necessidades individuais e coletivas”, é materializar a “dimensão ético-estético-afetiva do existir humano” (NÖRNBERG, 2016, p. 83). Nessa perspectiva, o cotidiano é o espaço-tempo criado e produzido para que o encontro entre humanos ocorra. Nessa direção, a autora indica que

[...] a prática pedagógica com bebês e crianças bem pequenas reivindica espaço-tempo – um lugar físico e relacional – para que diferentes modos de estar juntos possam ser colocados em relação de proximidade e coexistência no cotidiano das instituições dedicadas à infância. Trata-se, portanto, de um cotidiano que é sempre produzido num contexto propício às relações de proximidade e de práticas comunicativas (NÖRNBERG, 2016, p. 83)

É importante refletirmos sobre a compreensão de trabalho pedagógico na educação infantil, especialmente quando se trata de bebês e crianças bem pequenas, em que as atividades voltadas para as necessidades fisiológicas das crianças são sempre aquelas que aparecem mais. Como expressa Tristão (2006, p. 40), o trabalho com bebês “não aparece”, os bebês “não produzem”, a partir de uma tendência predominante de que “deve haver a produção para estar caracterizado um processo educativo”. A autora ainda acentua que os cuidados corporais, para além de medidas de assistência, são cuidados com a saúde da criança, afinal “lidamos com crianças inteiras” e a educação infantil não pode ser “responsável apenas por um fragmento dessa criança” (TRISTÃO, 2006, p. 46).

Nessa perspectiva, Ostetto (2000, p. 191) questiona: “Será que o planejamento na educação infantil compreende somente a chamada “hora da atividade”, momento pedagógico por excelência?”. Essa compreensão deixa os bebês de fora. Nesse sentido, a autora problematiza que: “Se assim fosse, pobres bebês, não poderiam desfrutar dessa hora! Afinal, o que se pode fazer com eles, em meio a tanto choro, fraldas, banhos, mamadeiras, colos, sonos?” (OSTETTO, 2000, p. 191). Portanto, o “pedagógico” na prática educativa com bebês “envolve o que se passa nas trocas afetivas, em todos os momentos do cotidiano com as crianças” (OSTETTO, 2000, p. 191). E como sinalizam as narrativas, quando a professora aguça sua percepção sobre as crianças percebe as sutilezas das ações e interações entre as crianças e com os adultos e o potencial formativo, numa perspectiva de formação humana, que estas apresentam.

As crianças pouco produzem numa perspectiva de atividade pedagógica entendida como um conjunto de folhas a preencher, mas interagem ativa e criativamente entre si, com os adultos e o contexto a sua volta, elas se expressam através de múltiplas linguagens. Ainda está muito presente uma compreensão de que com bebês “é só cuidar”, contudo, consideramos que é preciso refletir sobre o significado desta afirmativa. Ela invisibiliza muitas das singularidades das ações e interações dos bebês e crianças bem pequenas no espaço da creche. Nesse sentido, os debates atuais sobre a educação infantil consensualmente assinalam que a educação infantil deve pautar-se pelo binômio cuidar-educar. Azevedo assinala que a integração entre cuidado e educação deveria fundamentar a educação infantil e a formação de seus professores, “concebendo essas duas dimensões como tendo igual importância no desenvolvimento das atividades cotidianas do professor” (AZEVEDO, 2013, p. 82).

São duas dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico na educação infantil. O cuidado não pode estar limitado ao auxílio das necessidades básicas das crianças como: tocar, sono, sede, fome e higiene. Está diretamente associado à ação educativa. Necessita de um ambiente que possibilite a construção progressiva da autonomia da criança. Assim, compreendendo a criança como parte integrante da ação educativa, exigindo destes conhecimentos, habilidades e instrumentos, que explorem a dimensão pedagógica.

[...] O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isso significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas deve estar receptivo, aberto, atento e sensível para perceber aquilo de que o outro precisa. Para cuidar, é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. (KRAMER, 2005, p. 82).

E a dimensão educativa implica numa ação consistente, que tem como princípio conhecer os interesses e necessidades da criança, saber quem são, saber um pouco da história de cada uma, levando em consideração as especificidades da faixa etária, possibilitando a ampliação de seus conhecimentos e experiências. Sendo assim, cada um tem papel importante para a construção da ação educativa e ao mesmo tempo estão profundamente articulados, de maneira que, como afirma Kramer (2005), não há como educar sem cuidar.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Larrosa (2004), provoca-nos à reflexão ao afirmar que a infância continua nos escapando, está sempre além de nossas tentativas de captura. Escapam, ao nosso olhar apressado e pouco atento, as sutilezas das múltiplas linguagens utilizadas pelos bebês e crianças bem pequenas no espaço-tempo pedagógico. Nessa perspectiva, pensar sobre as ricas possibilidades do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas passa pelo reconhecimento do corpo como componente importante da sua ação social. Esse elemento, como pontua Coutinho (2011, p.232), “nos permite reconhecer que os bebês são atores sociais competentes, tendo em vista que o corpo é para eles não só meio de comunicação, mas, sobretudo, uma forma de ser e estar no mundo, de colocar-se em relação com o outro e produzir cultura”.

Por fim, entendemos que é relevante refletir, analisar e socializar reflexões sobre a profissão docente, os processos de constituição de identidades profissionais, sobre experiências no trabalho pedagógico com crianças pequenas que contemplem seus modos de ação e interação no ambiente escolar. Esse processo possibilita aproximarmos-nos da prática docente, conhecer as profissionais que trabalham, suas práticas, bem como, contribuir com sua formação, contribuir com o pensar acerca das especificidades do trabalho com crianças pequenas. Nesse sentido, os relatos sobre a prática docente que integram este texto expressam a sensibilidade da professora em perceber as crianças

como sujeitos ativos e seus múltiplos modos de expressão.

## 5 REFERÊNCIAS

- AMBROSETTI, N.B. e ALMEIDA, P.C.A. *A constituição da profissionalidade Docente: tornar-se professora de Educação Infantil*. 30ª Reunião Nacional da Anped. Caxambu ANPED, Anais do evento... 2007.
- AZEVEDO, H. H. O. *Educação Infantil e formação de professores: para além da separação cuidar-educar*. São Paulo: Unesp, 2013.
- BARBOSA, M. C. S. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CORSARO, W. A. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COUTINHO, A. M. S. *Os bebês na creche: a ação social a partir do ponto de vista do ator*. In: *Creches Catarinenses: experiências de formação e práticas pedagógicas*. Florianópolis: CED – NUP, 2014.
- \_\_\_\_\_. *O corpo e a ação social de bebês na creche*. *Poiésis*. V. 4, n.8, jul/dez., 2011 Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/791>> Acesso em: 13/04/2018.
- \_\_\_\_\_. *A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche*. Tese (Doutorado). Universidade do Minho, Portugal, 2010.
- DELGADO, A. C. C. e MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas. *Cadernos de Educação*. V. 35, n 125, maio/ago., 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0935125.pdf>> Acesso em: 10/03/2018.
- GOTTLIEB, A. *Para onde foram os bebês?* Em busca de uma antropologia de bebês (e de seus cuidadores). *Revista PSICOLOGIA USP*. São Paulo, julho/setembro, n. 20(3), p. 313-336, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42002>> Acesso em: 10/03/2018.
- KISHIMOTO, T. M. *Encontros e desencontros na formação de profissionais de educação infantil* In MACHADO, M. L. (org.) *Encontros e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KRAMER, S. *Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.
- LARROSA, J. *Pedagogia Profana – Danças, piroetas e mascaradas*, 4ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOPES, L. P. M. *Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem sócio-construtivista*. In: RIBEIRO, B. T.; LIMA, C. C.; DANTAS, M. T. L. (Orgs.) *Narrativa, identidade e clínica*. Rio de Janeiro: Ipub, Cuca, 2001. p. 55-71.
- MALAGUZZI, L. *História, Ideias e Filosofia Básica*. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.) *As cem linguagens da criança: A abordagem de Reggio Emilia na educação da Primeira Infância*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MARTINS FILHO, A. J. *Culturas da infância: traços e retratos que a diferenciam*. In: MARTINS FILHO, Altino J. (org.) *Criança pede respeito: temas em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- MARTINS FILHO, A. J.; MARTINS, A. C. F. *Os bebês, as professoras e um modo de viver a vida na creche*. In: MARTINS FILHO, A. J. (Org.) *Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês*. Porto Alegre: Mediação, 2016.
- MOSS, P. *Reconceitualizando a infância: crianças, instituições e profissionais*. In: MACHADO, M. L. A. (org.). *Encontro e desencontros em educação infantil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MELLO, A. M. O que um professor precisa saber para cuidar de bebês em espaços coletivos. *Revista Pátio – Educação Infantil*, Porto Alegre, n. 31, p. 12-15, abr./jun. 2012.
- NÖRNBERG, M. *Pedagogia do contato com bebês: Pele e mão em encontros de cuidado e educação*. In: MARTINS FILHO, A. J. (Org.) *Educar na creche: uma prática construída com os bebês e para os bebês*. Porto Alegre: Mediação, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Do berço ao berçário: A instituição como morada e lugar de contato*. *Pro-Posições*. Campinas/SP, vol. 24, n. 3 (72), p. 99-113, set./dez., 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072013000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072013000300007&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 22/03/2017.
- NÓVOA, A. *Os Professores e a sua formação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1992.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. *O desenvolvimento profissional das educadoras de Infância: entre os saberes e os afectos, entre a sala e o mundo*. In MACHADO, M. L. A. (org.). *Encontros e Desencontros em Educação Infantil*. São Paulo, Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, Z. M. R. et al. *Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação Infantil*. *Caderno de pesquisa*. V.36, n.129, p.547-571, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cp/v36n129/a0336129.pdf>> Acesso em: 24/03/2017.
- OSTETTO, L. E. *Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências*. In: OSTETTO L. E. (org.) *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. São Paulo: Papirus Editora, 2009a.
- \_\_\_\_\_. *O estágio curricular no processo de tornar-se professor*. In: OSTETTO L. E. (org.) *Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores*. São Paulo: Papirus Editora, 2009b.
- \_\_\_\_\_. *Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco*. In: OSTETTO L. E. (org.) *Encontros e encantamentos na educação infantil: Partilhando experiências de estágio*. São Paulo: Papirus, 2000.
- PACHANE, C.G. *Teoria e prática na formação de professores universitários: elementos para discussão* In RISTOFF, D; SEVEGNANI, P. *Docência na educação superior*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.
- PLAISANCE, E. Para uma sociologia da pequena infância. *Revista Educação & Sociedade*. Campinas/SP, vol. 25, n. 86, p. 221-241, abril, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000100011)> Acesso em: 04/10/2017.
- PRADO, P. D. *Quer brincar comigo?* Pesquisa, brincadeira e educação infantil. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F. e PRADO, P. D. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisas com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RICHTER, S. R. S.; BARBOSA, M. C. S. Os bebês interrogam o currículo: as múltiplas linguagens na creche. *Educação*, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 85-96, jan./abr. 2010.

ROCHA, E. A. C. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SARMENTO, M. J. *Culturas infantis e interculturalidade*. In: DORNELLES, Leni Vieira. Produzindo pedagogias interculturais na infância. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a.\_

\_\_\_\_\_. *Visibilidade social e estudo da infância*. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, V. M. R. (orgs.) *Infância (in) visível*. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007b.

\_\_\_\_\_. Gerações de Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, vol.26, n. 91, mai/ago, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n91/a03v2691.pdf>> Acesso em: 16/04/2017. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/31358>> Acesso em: 13/07/2016

STRENZEL, G. R. *A Produção Científica sobre Educação Infantil no Brasil nos Programas de Pós Graduação em Educação* 23ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu ANPED, Anais do evento, 2000.

TRISTÃO, F. C. D. *A sutil complexidade das práticas pedagógicas com bebês*. In: MARTINS FILHO, A. J. [et al.]. *Infância plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: Mediação, 2006.

\_\_\_\_\_. “*Você viu que ele já está ficando de gatinhã*” Educadoras de creches e desenvolvimento infantil. In: MARTINS FILHO, A. J. (org.) *Criança pede respeito: temas em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.